

“Histórias Iguais com Finais Diferentes”

Ação de Formação

Rute Magalhães

02 junho 2025

Tarefa 3

O que não se vê não se lembra.

Num espaço inesperado capta uma imagem inclusiva (a metáfora também conta...) e discorre sobre ela.

❶



❶ Galeria pessoal

❷



❷ Captura do dia 01.06.2025

❶ “O que não se vê não se lembra.” – A diferença e a diversidade na união!

Esta é uma fotografia da minha galeria de imagens, capturada por altura da vindima na aldeia natal do meu pai. Ilustra muito bem a diversidade no seio de um grupo, de uma comunidade, onde cada um de nós tem um papel fundamental. Cores, formatos, dimensões, ideias, opiniões e estilos diferentes enriquecem-nos e unem-nos.

“Ninguém é igual a ninguém.

Todo ser humano é um estranho

ímpar.”

Carlos Drummond de Andrade

② Muitas vezes, vemos e não nos lembramos...

Não se trata de um espaço inesperado, uma vez que atravessamos diariamente passadeiras, no entanto nem sempre nos lembramos da razão pela qual os passeios estão mais baixos. É verdade que pensar em todos e em todas as suas diferenças, necessidades, especificades é, cada vez mais, e ainda bem, uma obrigatoriedade, não só porque a lei o determina, mas também porque o bem-estar de todos tem efeitos imediatos no nosso próprio bem-estar.

Os passeios rebaixados, as rampas de acesso a prédios e lojas, as leis que promovem a participação de todos numa vida profissional digna e justa, entre outros tantos aspetos importantes, têm sido preocupações das classes dirigentes, embora ainda tenhamos muito que fazer.

E nas escolas? Esta simples fotografia levou-me a uma reflexão sobre a forma como trabalhamos na escola e como não nos devemos deixar cair na rotina ou na facilidade do hábito, das ações sem sentido ou sem sentir. Tal como acontece com a passadeira e os passeios rebaixados, de que nem sempre nos lembramos, não devemos esquecer a importância de promover todos os dias a inclusão, a tolerância, o respeito.

O Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho, veio estabelecer “os princípios e as normas que garantem a inclusão, enquanto processo que visa responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, através do aumento da participação nos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa.” Porém, ao nível das estruturas físicas dos estabelecimentos e ao nível dos apoios às escolas e da formação de técnicos e profissionais especializados que trabalhem com jovens com necessidades profundas, o dia a dia nas escolas não é fácil.

1.º As escolas deveriam garantir condições físicas acessíveis (rampas, elevadores, casas de banho adaptadas), o que dificilmente encontramos no panorama educativo português.

2.º Os recursos humanos especializados, como professores de educação especial, terapeutas e técnicos de apoio, são insuficientes para as necessidades das escolas.

3.º A prática inclusiva surge revestida de uma máscara: trabalhamos mais para a integração e menos para uma efetiva e verdadeira *inclusão*. Assim, pensar em inclusão é questionar o próprio conceito de inclusão. A verdadeira inclusão deveria enriquecer todos, não apenas alunos com necessidades específicas, mas a turma na qual se encontram ou a comunidade escolar.

Vou ouvindo colegas de Educação Especial que lamentam a falta de resposta das tutelas a respeito de problemas com falta de materiais, de equipamentos, de espaços, de técnicos, de ajuda... Ainda assim, estes profissionais são mágicos, seres fantásticos que conseguem fazer o sol brilhar para aquelas crianças.

Nota: A ideia de pedir aos alunos que captem momentos específicos, fotografando com a câmara do telemóvel, e que depois redijam um texto reflexivo, descritivo, narrativo ou poético, é excelente!